

Médicos tiveram que lidar com parte emocional

Além de tratamentos pontuais, contexto da pandemia fez com que pacientes levassem a consultórios situações de fragilidade emocional

Uma nova variável foi incluída na hora de decidir sobre a adoção de determinado procedimento de saúde a partir do contexto da pandemia. A realidade posta há mais de um ano e meio reforçou a importância de uma relação mais horizontal entre médico e paciente. Sem uma receita, como em remédios, os profissionais da saúde passaram a lidar com o emocional mais fragilizado de quem buscava e ainda busca atendimento.

“Tivemos de pesar mais a relação risco x benefício de cada situação. Alguns pacientes estavam mais tranquilos, outros tinham medo. Precisamos nos adaptar a esta nova realidade, mas conseguimos lidar bem”, explica o geriatra Vitor Pelegrim, vice-coordenador do Programa de Residência Médica em Geriatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e pesquisador do Núcleo de Pesquisas sobre o Envelhecimento e o Idoso da Universidade de São Paulo (USP).

Desde o começo da pandemia, foram seguidas as orientações preconizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). “Para abrir a porta do consultório, tínhamos de ter segurança do que estávamos fazendo para não criarmos riscos desnecessários”, conta o cirurgião plástico Giuliano Borille, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica Regional do Rio Grande do Sul (SBCP-RS).

Cada caso é um caso, e toda a pessoa tem de ser escutada, considera o oftalmologista Cristiano Leite. “Teve paciente com indicação de cirurgia, mas que poderia esperar. Sempre converso, informo da possibilidade de o procedimento ser planejado e escuto o que ele está trazendo. Às vezes, uma doença ou problema de saúde está interferindo muito no dia a dia. Então, precisa agir com mais rapidez”, diz Leite, que atende em clínica e no Hospital Vila Nova, em Porto Alegre.

Com um grande número de médicos e pacientes de maior risco por serem idosos, especialmente na geriatria, muitos tiveram atendimentos remotos. “Aprenderam e se adaptaram no uso de meios digitais, como o Meet e o WhatsApp. Também foi uma

revolução a utilização de receitas digitais para quem já era paciente”, destaca Pelegrim. Segundo o médico, após o fechamento do consultório no começo da pandemia, o número de atendimentos normalizou ao longo do ano – seja na modalidade presencial ou online, que chegou a quase 100% e que hoje está abaixo de 20%.

Até que se tivesse evidência de que os tratamentos dermatológicos pudessem ser realizados sem maior risco ao paciente em relação ao Covid, médicos evitaram realizar procedimentos, segundo a médica Analupe Webber, presidente da Sociedade Brasileira de Dermatologia do Rio Grande do Sul (SBD-RS). Muitas questões puderam ser respondidas parcialmente em teleconsultas, por exemplo. “Embora precisem ser avaliadas presencialmente para um diagnóstico definitivo, a teleconsulta ajudou e, aos poucos, foram surgindo consensos sobre risco x benefício.”

Mas tanto na dermatologia, quanto na oftalmologia, há casos em que é difícil adotar o atendimento remoto. A presidente da SBD-RS relata a dificuldade de avaliação em exames de sinais, por exemplo, onde o uso de equipamentos no consultório auxiliam na avaliação das lesões.

Queda do número de doadores reduz transplantes

O período prolongado da incidência de Covid-19 no País impactou na realização de transplantes no Rio Grande do Sul. A média, que estava alcançando 18 doadores por milhão de habitantes, está em 14 doadores por milhão.

Com a retração, a fila em lista de espera no primeiro semestre deste ano foi maior do que todo o ano passado. No Estado, foram 96 transplantes neste ano até agosto. Durante todo o ano de 2020, foram 182 e, em 2019, houve 243 doações.

“Está faltando doador, pois as UTIs estiveram praticamente lotadas por pacientes Covid”, explica Antonio Kalil, diretor médico da Santa Casa de Porto Alegre, destacando que a

média de doadores do Estado é quase a metade de Santa Catarina e Paraná, com 30 a cada 1 milhão. Para melhorar a média de doação de órgãos, o médico considera fundamental a adoção de uma campanha permanente, incluindo o estímulo nas escolas.

Neste ano, a Santa Casa lançou a campanha “Não deixe que a vida acabe em você”, explicando que apenas uma pessoa declarando-se doadora pode salvar até oito vidas.

A série traz vídeos com depoimentos e esclarecimentos sobre doação de órgãos e orienta as pessoas a conversarem com seus familiares sobre a intenção de doar seus órgãos. Hoje, a fila de espera ultrapassa 45 mil pessoas no País.

18 DE OUTUBRO
Dia do Médico

MOTIVADOS PELA
GRATIDÃO

OBRIGADO A TODOS OS
MÉDICOS QUE MOVEM
MOINHOS PARA AMPLIAR AS
FRONTEIRAS DA SAÚDE COM
EXCELÊNCIA, CONHECIMENTO
E HUMANIDADE.



